

# Paisagens crepusculares: repensando as relações humanos-coiotes a partir da névoa no contexto de uma comunidade rural na Costa Rica\*

Crepuscular landscapes: rethinking human-coyote relations in situations involving fog in a Costa Rican rural community

Paisajes crepusculares: repensando las relaciones humanos-coyotes a partir de la niebla en el contexto de una comunidad rural en Costa Rica

Recebido em 03-07-2022

Modificado em 15-10-2022

Aceito para publicação em 14-11-2022

 <https://doi.org/10.47456/simbitica.v9i3.39804>

94

 **Luis Miguel Barboza Arias**

Sociólogo, doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PGDR-UFRGS) (Porto Alegre, Brasil). Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Membro do Grupo Inovação, Sociedade e Eco-Territorialidades e da Red Políticas Públicas y Desarrollo Rural en América Latina y el Caribe (PP-AL). E-mail: [lubasar@gmail.com](mailto:lubasar@gmail.com)

## Resumo

Este trabalho oferece uma perspectiva sensorial para refletir criticamente a respeito das formas de engajamento dos humanos, coiotes e outras entidades para-além-do-humano na comunidade rural de San Gerardo de Oreamuno, localizada na província de Cartago (Costa Rica). A névoa é um elemento característico da paisagem durante a maior parte do ano, e contribui para (re)configurar um “território multinatural” que afeta as relações entre diferentes vitalidades. Utilizo abordagens da etnografia multiespécies e da geografia-mais-do-que-humana para tensionar imaginários socioculturais sobre a dicotomia entre natureza e cultura, e, assim, gerar conhecimentos sobre as atmosferas afetivas e sensoriais envolvidas nas vivências e relatos das pessoas da comunidade. Finalmente, argumento que minha própria experiência de trabalho empírico me fornece elementos úteis para aprofundar a compreensão dos significados atribuídos à névoa e sua influência no surgimento das “ecologias da proximidade” que determinam as relações humanos-coiotes nessa comunidade.

Palavras-chave: Antropoceno; *Canis latrans*; Ecologias afetivas; Interação humano-animal

\* Uma versão anterior deste trabalho foi apresentada na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto e 03 de setembro de 2022.



## Introdução

O presente trabalho oferece uma perspectiva sensorial para avançar no estudo das relações humanos-coiotes na comunidade rural de San Gerardo de Oreamuno, localizada na zona norte da província de Cartago, na Costa Rica (Figura 1). Argumenta-se que as interfaces entre abordagens emergentes da etnografia multiespécies (Kirksey e Helmreich, 2010) e da geografia mais-do-que humana (Whatmore, 2002; Braun, 2008) criam possibilidades de análise inovadoras para refletir sobre os modos em que pessoas, animais e outros seres constituem-se mutuamente através das paisagens.

A premissa inicial é que o componente relacional que mantém unido esse entramado de vitalidades (Bennett, 2010) pode ser compreendido como um território multinatural (Lorimer, 2015) que se encontra exposto à criatividade, à contingência e à contradição. O caráter espontâneo que caracteriza a grande maioria dos vínculos e fluxos mais-do-que-humanos repercute na construção das identidades sociopolíticas e no desenvolvimento do que, parafraseando Howes (2019), é uma consciência ecológica “(inter)sensorial” ligada à (con)vivência com o lugar e suas materialidades. Na cotidianidade dos (des)encontros interespécies, emergem formas de conhecimento situado carregadas de significado simbólico, as quais resultam significativas para a identificação de espaços recíprocos de curiosidade, engajamento e reparação face aos desafios do Antropoceno (Head, 2016).

95



**Figura 1.** Vista de satélite da comunidade rural de San Gerardo de Oreamuno, na zona norte da província de Cartago (Cartago). Na imagem aprecia-se o tipo de paisagem que predomina nessa região do país.

Fonte: Google Earth, 2022.

### Incursão por geografias que me causam...

Na minha primeira visita à localidade de San Gerardo de Oreamuno, um elemento particular chamou minha atenção: a névoa. Cheguei lá ao meio-dia de uma segunda-feira e decidi que caminharia pela zona antes de entrar em contato com as pessoas que pensava entrevistar. O ônibus em que viajava percorre vários povos, então escolhi descer e andar a pé o resto do caminho. Ao tratar-se de uma rota moderadamente íngreme, sabia que era preciso ir com calma e prestar atenção ao entorno. Depois de ter caminhado uns quinhentos metros com casas em ambos os lados da rua, cheguei até um morro conhecido como “Cerro Pasquí” (Figura 2). Virei à direita e caminhei mais uns minutos até chegar a uma parte do caminho em que as casas começavam a ser substituídas pelos campos de gado (“potreros”, na Costa Rica) e hortaliças: a paisagem característica da zona norte de Cartago.



**Figura 2.** Fotografia tirada nas primeiras visitas à comunidade de San Gerardo de Oreamuno (maio, 2022) para fazer pesquisa de campo. A névoa é comum nos meses chuvosos (maio-dezembro), embora a altitude e clima frio façam com que ela seja um elemento presente a maior parte do ano.  
Fonte: Arquivo pessoal.

Mantive-me quieto para apanhar ar enquanto me recuperava da subida. Lembro que olhei para cima e vi uma ave solitária pousada numa linha elétrica. Apesar da névoa, que ficava mais

espessa por momentos, ela me observava fixamente sem mover-se. Nos dias seguintes, graças à fotografia que consegui tirar, o pessoal da Associação Ornitológica da Costa Rica me informou que se tratava de uma subespécie de búteo-de-cauda-vermelha (*Buteo jamaicensis*). Contudo, era preciso reconhecer que minha presença nesse sítio estava justificada por um outro animal. Eu estava aí para escutar as histórias dos moradores humanos sobre a relação com os coiotes (*Canis latrans*).

Essa experiência levou-me a questionar sobre as conexões menos evidentes entre humanos, coiotes e a névoa que se faz presente durante a maior parte do ano em San Gerardo de Oreamuno. Em termos teóricos, essa questão pode ser elaborada da seguinte forma: É possível (re)pensar a relação entre humanos, coiotes e a névoa como um tipo de engrenagem sensorial que mobiliza atmosferas afetivas<sup>1</sup> particulares? E, se for esse o caso, que tipo de atmosferas afetivas são essas? Pode a névoa se converter numa entidade organizadora da narrativa sobre as relações humanos-coiotes nessa localidade?

Seguindo a sugestão feita por Pink (2009) sobre entender a etnografia como uma prática de aprendizagem sensorial, as próximas seções do artigo estão dedicadas a esboçar uma tentativa de resposta a tais perguntas, sem desconsiderar seu caráter especulativo e decididamente experimental.

97

### **Além do visível e do não-visível**

Na semana seguinte, frente ao meu computador, encontrava-me revisando o arquivo digital com as fotografias que tirei durante aquela visita, e uma sequência de imagens chamou minha atenção (Figura 3). Imediatamente pensei na obra do pintor francês, Odilon Redon, intitulada *Eyes in the forest* (que pode traduzir-se para o português como “Olhos na floresta”) (Figura 4). Redon é célebre por suas pinturas de influência simbolista. Na verdade, esse trabalho particular é um desenho com carvão que mostra um par de olhos incorpóreos que observam o espectador de forma direta, desde uma distância próxima.

---

<sup>1</sup> As atmosferas afetivas é um termo utilizado no estudo das relações afetivas que se estabelecem entre humanos e animais, e cujas trajetórias de vida se encontram estreitamente vinculadas à experiência de habitar um lugar compartilhado (Anderson, 2009; Ellis, 2021).



**Figura 3.** Zonas de pastagem utilizadas para a cria de gado (maio, 2022).  
Fonte: Arquivo pessoal.



**Figura 4.** “Eyes in the Forest” (1892). Desenho de Odilon Redon (1840-1916), na técnica do carvão.  
Fonte: Obra original de domínio público conservada pelo Saint Louis Art Museum (Missouri, Estados Unidos).<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Disponível em <https://www.slam.org/collection/objects/18225/>

As semelhanças que achei entre as fotografias e a pintura instigaram-me a me deter na apreciação dos detalhes que ambas imagens capturam. No desenho de Redon, a aura de luz branca no escuro do céu e os troncos das árvores têm como função prioritária mobilizar repertórios de pesadelo e fantasia. Segundo Perloff (1995), elementos vivos e inertes aparecem misturados no contexto: olhos animados, similares aos olhos humanos, são parte de uma máscara mortuária, cuja vitalidade só parece ser possível por causa da árvore. Assim, a aparente relação simbiótica entre as duas entidades nos faz lembrar da sensualidade que acompanha a percepção de risco.

Análises da obra de Redon como a anterior me ajudam a refletir sobre minhas próprias emoções e pensamentos, as vivenciadas quando tirei as fotografias e as experimentadas agora, enquanto escrevo este texto. O objetivo das primeiras visitas a San Gerardo de Oreamuno era captar as características da paisagem. A primeira impressão que tive foi que a pouca visibilidade causada pela névoa cria um tipo determinado de experiência estética: uma paisagem nebulosa, a qual informa os modos de relacionamento entre humanos e vida silvestre. Compreendi, então, que a atenção a esse elemento é imprescindível para entender as afetividades envolvidas nessas relações. Por outro lado, a incorporação do “elemento-névoa” neste relato ou qualquer outro sobre o tema ou o território não deveria limitar-se ao registro clássico: a escrita fria e desapaixonada da linguagem objetiva e neutral.

Em vez disso, o exercício reflexivo que tento realizar neste artigo está diretamente relacionado com o que Elliott e Culhane (2016) descrevem como: “exercícios participativos que convidam a escrever nos múltiplos gêneros, a prestar atenção à experiência sensorial corporizada, a criar com lápis e papel e com câmeras, a fazer música e participar da narração e da performance”<sup>3</sup> à medida que vamos avançando com a pesquisa etnográfica. Trata-se, portanto, de colocar quem investiga do lado dos interlocutores ativos, aqueles que conformam o fluxo permanente de percepções e significados.

Nesse ponto, também é interessante considerar a forma em que recursos estilísticos como fotografias e desenhos, enquanto tecnologias visuais, afetam a experiência (inter)subjetiva e criam condições que configuram um modo mais complexo de relacionalidade. Durante a organização de meu arquivo pessoal, pude corroborar que as fotografias que tirei nas primeiras visitas à comunidade não só representam um artifício técnico que brinca com minha memória, elas são ao mesmo tempo um agente performativo que posso utilizar para me aproximar ao relato da minha vivência pessoal, E assim achar um ponto de partida mais íntimo, para continuar estudando as relações entre humanos, coiotes e a névoa nessa comunidade. Para Ingold (2013),

---

<sup>3</sup> Tradução livre.

esses aspectos têm uma relação estreita com o desafio contemporâneo de formular as nossas inquietações em parceria *com* entidades mais-do-que-humanas.

Convém agora mencionar alguns dados do contexto da pesquisa etnográfica para desvelar os detalhes mais sutis da figura 3 e, dessa forma, explicitar seu potencial analítico. San Gerardo de Oreamuno está situado nas proximidades do Parque Nacional Vulcão Irazú (3432 metros acima do nível do mar). A zona é reconhecida por ser um dos principais habitats do coiote na Costa Rica e um sítio frequente de avistamento da espécie. Eles deslocam-se cotidianamente pela área protegida e pelas propriedades agrícolas e pecuárias vizinhas. Nesse sentido, a paisagem na fotografia retrata um “território-coiote” típico.

A ciência moderna descreve os coiotes como mamíferos carnívoros de tamanho médio e pertencentes à família dos canídeos (Canidae). São animais de comportamento tímido e hábitos ariscos. Embora apresentem uma grande capacidade para adaptar-se aos ambientes antrópicos, eles evitam o contato com os humanos<sup>4</sup> (Niehaus *et al.*, 2011). Chamo isso de “a capacidade ubíqua do animal”. Isto é, o coiote enquanto uma presença sigilosa, com a qual é possível ter encontros casuais ou fortuitos, ainda que qualquer tentativa de interagir com ela de forma planejada seja uma tarefa dificilmente realizável.

Os moradores humanos, em particular as pessoas que produzem hortaliças e criam gado de leite, relatam que os coiotes estão sempre por perto, embora elas não possam vê-los à primeira vista. Javier Montenegro, criador de gado e membro de uma das famílias mais antigas da comunidade, fez o seguinte relato<sup>5</sup>:

Esses animais são contínuos. [Q]uando o tempo encontra-se nublado, inclusive nos meses de verão. Têm muito animal desses aqui. Eu os vejo o tempo todo. [...] Também é muito comum escutá-los, principalmente à noite. Se você ficar aqui conosco, poderia ouvi-los a partir das seis da tarde [18:00 horas]. [...] As pessoas que escutam um coiote pela primeira vez... O jeito de uivar... isso causa que as pessoas fiquem surpreendidas. Você vai... são dois ou três bichinhos os que uivam, mas você acredita que é uma quantidade maior. Eles têm várias formas de uivar. Você os escuta e você acha que eles são muitos. [...] Na maioria das vezes, nós os escutam os uivar bem perto de nós, e logo depois outros deles contestam de mais longe. Se ouvem uns aos outros e continuam a uivar. O uivado é uma comunicação entre eles, mas isso para nós é muito curioso... porque eles não gostam das manadas. Eles nunca “andam” em manada, sempre são dois ou três. É possível ver até quatro, mas isso acontece muito escassamente. É comum ver dois, ou um só deles. Sempre nos surpreende vê-los quando se deslocam pelos morros. Mais curioso ainda é que sempre estão perto da gente, e, ao mesmo tempo, afastados.

No trecho anterior, é possível notar duas questões interessantes. Primeiramente, o coiote é retratado como uma criatura solitária, e sua atividade crepuscular envolve uma aura de mistério. Nos dias nublados, o coiote converte-se numa entidade espectral: uns olhos sem corpo que vigiam os humanos, enquanto cultivam a terra ou levam o gado a pastar (Figura 5). Por outro

<sup>4</sup> Paradoxalmente, os coiotes estão catalogados como espécie exótica invasora na Costa Rica.

<sup>5</sup> O trecho do relato foi traduzido de forma livre pelo autor.

lado, a curiosidade que causam os uivos vai além do simples interesse nas características biológicas ou etológicas do animal. Em vez disso, eles se tornam instrumento da eco-acústica com potencial pedagógico (Farina *et al.*, 2021), ao possibilitar uma outra forma de conhecimento sobre a espécie. Trata-se de um outro modo de sintonizar com esses seres, através de sensações para-além-do-visual (Boonman-Berson *et al.*, 2018), ou, dito com as palavras de Bruno Latour, uma forma sublime de aprender a ser afetado por eles (Latour, 2004). A esse tema voltaremos mais adiante.



**Figura 5.** A agricultura de hortaliças e a cria de gado de leite são as principais atividades económicas de San Gerardo de Oreamuno.  
Fonte: Arquivo pessoal.

Tanto o relato feito pelo criador de gado, quanto as fotografias apresentam um animal que se encontra além do visível, embora isso não signifique que os coiotes sejam invisíveis na névoa. Inclusive quando eles não estão presentes – fisicamente –, sua ausência é experimentada pelos moradores humanos num plano “perform-ativo”, e essa circunstância faz com que o território seja (re)configurado em torno de tipos de percepção específicos: o não-visível torna-se um elemento da narrativa que desperta memórias e imaginações.

### **Corpo sem órgãos**

Hauptman (2005) chama a atenção para a centralidade do não-visível na obra de Redon. No livro intitulado “*Beyond the Visible*” (Além do visível), a autora explica que a importância do pintor francês é demonstrada pelo fato de ele ter colocado a lógica do visível ao serviço do invisível. Neste artigo, considera-se que se trata de um recurso argumentativo muito instigante



para o delineamento do caso de estudo, toda vez que as paisagens nevoadas facilitam que os moradores humanos da zona norte de Cartago “entrem-em-contato” com uma presença vital (o coioote) que resulta imperceptível em determinados momentos do dia, por causa da pouca visibilidade. Hauptman ressalta o papel das atmosferas de mistério (re)criadas por Redon, argumentando que “sua habilidade de ver para além do mundo natural, de encontrar verdade nos monstros e nos seres híbridos, de antropomorfizar o inanimado, de empatizar com seres aberrantes”<sup>6</sup>, faz parte da estética sugestiva do artista.

A importância dessa abordagem para o estudo que desenvolvo aqui é a mobilização de interpretações artísticas sobre a obra de Redon, que me permitem conceitualizar, de maneira mais adequada, as formas em que as texturas de paisagem da zona norte de Cartago se sobrepõem umas às outras, trazendo consigo uma narrativa de lugar que só pode ser apreendida através do (re)conhecimento da presença perform-ativa de elementos atmosféricos como a névoa. Redon vai contrapor uma imaginação metafórica à linguagem literal e mecanicista da era industrial. Ele sutura o real e o fantástico, entrelaçando percepção e expressão para tensionar as regras convencionais da representação. Nesse esforço criativo, podemos advertir um sub-registro, uma crítica astuta às pretensões de conhecimento absoluto e controle das forças naturais que regem o mundo. As entidades nos desenhos de Redon atualizam o mito da separação entre humanidade e natureza para combatê-lo. Elas inspiram sensações de inquietude e pavor que nos fazem lembrar da precariedade existencial do homem moderno, ou, dito de outro modo, do “homem euro-centralizado”<sup>7</sup>.

A névoa que se faz presente na zona norte de Cartago pode ser pensada como metáfora do espectral que, ao mesmo tempo, torna possível outras formas de conhecimento dos coiootes. A maneira em que os coiootes são concebidos pelos moradores humanos de comunidades como San Gerardo de Oreamuno questiona a biologia do animal enquanto unidade biológica coerente e afastada dos demais corpos e paisagens. Em vez disso, sua representação/apresentação é a de um animal que só se torna “coioote” na relação que estabelece com outras vitalidades do território.

Num artigo sobre as relações humanos-lobos numa localidade rural na França, Buller (2008) argumenta que os animais silvestres continuam sendo vistos como feras selvagens por inúmeros coletivos humanos (principalmente nas sociedades industrializadas), o que conduz a categorizá-los em oposição ao estatuto do homem branco europeu. Para o autor, a função das “bestas” é manter a personificação<sup>8</sup> dos demônios (humanos) vigente: um passado cheio de

---

<sup>6</sup> Tradução livre.

<sup>7</sup> Utiliza-se a palavra “homem” em ambos os casos para sublinhar o caráter andro-antropocêntrico do projeto da modernidade ocidental/europeia.

<sup>8</sup> Aqui, a palavra personificação é utilizada no sentido de “tornar-se corpo”.

superstição que ameaça o progresso tecno-científico e compromete a confiança no futuro. Não obstante, em San Gerardo de Oreamuno, a presença dos coiotes permitiu manter viva uma memória ecológica que testemunha as transformações socioecológicas que aconteceram no último século. Os avistamentos de coiotes dentro dos campos de gado são entendidos pelos produtores como uma forma de (re)afirmação do animal. Para essas pessoas, os coiotes conservam a memória de territórios que alguma vez foram zona de florestas e parte de sua habitat “natural”. Isso implica em que sua presença seja considerada pelos moradores como um lembrete da mudança e reorganização dos espaços feita pelos seres humanos, contribuindo para uma reflexão ativa sobre o possível significado e importância dos territórios rurais para a recuperação ecológica. Longe de ser apercebido como uma ameaça direta ou um bicho que torna incômoda a (co)existência, os coiotes mobilizam uma sensibilidade empírica que possibilita a emergência de potenciais alianças interespecies.

Porém, não existe um tempo único, linear e, englobante. Pelo contrário, as macro-narrativas históricas estão compostas de fissuras, interstícios e correlatos que atravessam múltiplos planos da realidade. Como lembra Almeida (2021), é crucial reconhecer as formas em que diferentes ontologias fazem emergir outros mundos possíveis e formas de coexistência que são capazes de desestabilizar o tempo teleológico ocidental. Em San Gerardo de Oreamuno, é muito comum que os coiotes sejam chamados de cães pelos moradores humanos, outras vezes, eles são chamados de lobos. Em função do tipo de adjetivo que recebam, o entendimento da “espécie-coiote” muda o valor atribuído. Naqueles casos em que os coiotes são considerados cães, pode-se dizer que eles têm valência positiva: o cão é bicho doméstico, amigável e até inofensivo. Pelo contrário, quando o coiote é considerado um lobo, sua valência é principalmente negativa: o lobo é um bicho da floresta, selvagem e imperecível. “Quem sabe. Eles podem atacar. Melhor é ser precavido”.

A noção do “corpo sem órgãos”, de Deleuze e Guattari (1987), resulta interessante para problematizar essa questão. Esses autores concebem o “corpo sem órgãos” como uma forma de dar significado ao poder afetivo do “devir”, isto é: o desejo do indivíduo (humano) de transformar-se numa outra coisa: “*um corpo sem órgãos completo é um corpo habitado por multiplicidades*”<sup>9</sup>. Compreendida em seu sentido mais amplo, a noção do “corpo sem órgãos” pode ser entendida como outra metáfora do incorpóreo que, tal como acontece com as obras de Redon, esvaece a divisão entre natureza e cultura.

Por sua parte, autoras como Fullagar (2000) têm utilizado a noção para analisar a influência da memória narrativa na constituição da identidade e do que ela chama de “o devir”

---

<sup>9</sup> Tradução livre.

(*becoming*). Essa autora utiliza duas narrações de viagem – feitas individualmente e em circunstâncias espaço-temporais distintas – para refletir sobre a necessidade de repensar a relação sensorial entre ser (*self*) e natureza.

Nesses relatos, os protagonistas (humanos) das histórias “tornam-se animal” ou “tornam-se natureza” só depois de ter vivenciado episódios de intenso envolvimento afetivo (que comprometem todo o corpo): com um crocodilo (no contexto de um ataque) (narração 1) e com baleias (durante uma exploração científica nas proximidades da Antártida) (narração 2). Assim, o “devir-crocodilo” e o “devir-baleia”, segundo a noção do “corpo sem órgãos”, sugere a possibilidade de alianças éticas com as demais espécies, que vão além das emoções superficiais que estabelecemos comumente com os animais não humanos nas infraestruturas artificiais que criamos para eles (zoológicos, santuários, petshops).

Fullagar (2000) é muito perspicaz no seu argumento de que o assombro (*awe*)<sup>10</sup> é um tipo de relação inquietante com a *otredad*<sup>11</sup>. Para ela, as alianças éticas interespecie só podem ser possíveis através do engajamento total das sensações: entrar no-território-do-outro requer a desterritorialização radical do próprio ser. Essas leituras não deterministas das relações entre humanos, animais e outras entidades me aproximam de uma explicação teórica para entender os engajamentos ambíguos e, às vezes, contraditórios, entre humanos, coiotes e a névoa na comunidade de San Gerardo.

### **Coiotes, mais do que espectros**

Diante de todas essas inquietações, comecei a me questionar sobre possíveis significados de algumas descobertas feitas em etapas posteriores do meu trabalho de campo. Uma das questões que tenho observado durante as visitas e conversas com moradores (humanos) da comunidade é que o avistamento frequente dos coiotes – o que podemos chamar de “(co)existência passiva” – gera costume. Por sua vez, esse costume geralmente é expresso na forma de indiferença para com o animal. Ainda que uma situação desse tipo suscite considerações éticas e onto-políticas de primeira ordem, nos termos práticos, caberia perguntar: (1) se partirmos da ideia de que não sempre, e de fato acontece raramente, as pessoas têm oportunidade de “sintonizar” com (outros) animais em espaços idílicos ou extravagantes, alheios

<sup>10</sup> Na língua inglesa, a palavra *awe* tem diversos significados. Fullagar (2020) estabelece um jogo de linguagem no seu uso. Assim, no contexto de seu artigo, a palavra vai significar “admiração” algumas vezes e “temor” nas outras. No nosso caso particular, opta-se por utilizar a palavra “assombro”, ao considerar que se trata de um termo mais próximo ao significado original que mobiliza a autora.

<sup>11</sup> Ao contrário da palavra “alteridade”, a qual sugere a (auto)identificação com um grupo em relação a outros; no contexto deste artigo utiliza-se a palavra espanhola “otredad” para enfatizar que a constituição ontológica dos seres representa um recurso analítico diferenciador.

ao seu diário viver: como criar, cuidar e fazer florescer a capacidade de assombrar-se com espécies com as quais existe um trato cotidiano e casual? (2) em que medida esse assombro pode prolongar-se no tempo, sem perder a sua intensidade emocional e afetiva?

Sem dúvida, as duas questões representam um desafio importante para minha pesquisa. Ainda que meu objetivo aqui não seja fornecer uma análise abrangente, ao menos quatro pontos precisam ser colocados. Primeiro: ficou claro para mim que, ao fazer dos coiotes os principais protagonistas dos relatos, também é possível (re)construir uma narrativa mais ampla sobre a identidade cultural e histórica da comunidade, uma com a que os moradores (humanos) se identificam coletivamente e da que também conseguem apropriar-se. Os coiotes mobilizam um conjunto de registros multissensoriais distintos do recurso linguístico, e isso é vivenciado corporal e intersubjetivamente pelos humanos e não humanos em termos de uma ecologia da proximidade. Por exemplo, “sentir” a presença do animal através dos uivos.

Segundo: conforme mais pessoas participam da pesquisa com seus relatos, a comunidade torna-se cada vez mais consciente de que os coiotes interagem ativamente e de forma autônoma com seus mundos materiais, evocando imagens e alegorias que representam lembranças da infância, cenas familiares ou, inclusive, processos de mudança socioecológica e preocupações de economia política. Os coiotes enriquecem as vivências do lugar e trazem novas formas de experimentar a paisagem. Assim, “perceber a mirada de um espectro” durante os dias nublados nos aproxima de uma leitura inovadora sobre a subjetividade e agenciamentos do animal. Entendendo que esses elementos são sempre relacionais e co-constitutivos, também é possível argumentar que fenômenos meteorológicos como a névoa emergem dessas associações e conexões na forma de entidades “mais-do-que-naturais”, tornando-se parte da rede dinâmica de significados e afetos.

Terceiro: a lógica intuitiva que está por trás do “sempre estão perto da gente e, ao mesmo tempo, afastados”, no contexto do relato feito pelo criador de gado, é um ponto de partida adequado para entender a forma em que conhecimentos situados sobre determinadas espécies são resultado de conexões com o ambiente mais complexas e significativas. Nesse mesmo sentido, inclusive é possível argumentar que os laços afetivos com os coiotes, ainda que não sejam considerados nesses termos por algumas pessoas da comunidade, geram imaginários de co-habitabilidade que desafiam as concepções normativistas do território. A frase que fecha o relato sugere que, ao menos para o caso do morador, a convivência cotidiana com o coiote significa algo mais do que (co)existir num espaço pré-estabelecido (fixo e imutável) com uma outra espécie. Tentativamente, isso pode ser pensado na perspectiva relacional de uma territorialidade

multiespécies “em andamento”, como também se percebe no trecho: “nós os escutam os uivar bem perto de nós, e logo depois outros deles contestam de mais longe”.

Quarto: do mesmo modo que a linguagem pictórica da obra *Eyes in the forest* reproduz uma atmosfera afetiva – embora principalmente visual – por meio da presença de duas entidades que se constituem mutuamente num espaço impreciso, coiotes e névoa na comunidade de San Gerardo de Oreamuno fazem parte do entramado de vitalidades que se prolonga através da paisagem nublada.

Rafael Orozco, dono do único restaurante na zona, mencionou durante a entrevista que a névoa é considerada por alguns visitantes como um elemento que simplesmente reduz a visibilidade e impede apreciar o atrativo cênico da zona. Pelo contrário, os empreendimentos locais que impulsionam o incipiente turismo rural estão trabalhando para mudar essa percepção negativa. Em parceria com grupos organizados, o Comitê Local do Esporte e das Atividades Recreativas em particular está implementando ações que valorizam a capacidade disruptiva da névoa para trazer novas narrativas sobre a comunidade e seus moradores (humanos e não humanos). Em contraposição à crença de que a névoa é uma tela opaca e homogeneizadora que transforma o entorno em espaço abstrato, a nova sensibilidade empírica que começa a emergir entre as pessoas envolvidas apresenta oportunidades para pensar o potencial reparador de práticas pedagógicas baseadas em valores para-além-do-humano.

106

### **Práticas sensoriais para narrar o território multinatural**

Ainda que meu interesse nos coiotes não tenha interpelado a atenção de todos os moradores (humanos) de San Gerardo de Oreamuno na mesma medida, minha presença na comunidade não passou despercebida. Minha participação enquanto interlocutor ativo no processo da pesquisa etnográfica contribuiu para que algumas pessoas renovassem o interesse no animal, e algumas ações estão sendo encaminhadas com o objetivo de gerar conhecimento sobre a espécie.

Nesta seção do artigo, quero me deter apenas na menção de três circunstâncias que exemplificam formas em que pessoas da comunidade estão (re)aprendendo a ser afetadas pelo coio te em seus espaços cotidianos. Embora a emergência dos fatos espontâneos que mencionarei não seja condição suficiente para assegurar a construção de arranjos coletivos em favor de uma (co)existência justa, sugiro que eles constituem instantes de admiração pelo coio te que não tinham surgido anteriormente. Ainda que muitos dos (re)encontros interespécies em que

participam humanos sejam breves e circunstanciais, eles constituem oportunidades para criar o que Lorimer (2010) chama de espaços para uma micropolítica afetiva da curiosidade.

Dado que esses eventos afetam, no primeiro momento, as escalas íntimas e privadas das pessoas (Wilson, 2019), é possível considerar que eles são capazes de propiciar reflexões éticas (Hodgetts; Lorimer, 2020) que favorecem a emergência de (outros) modos de relacionamento com o coioote. Apresentarei estas experiências na forma de micro-histórias.

### Micro-história 1 – Vídeos que mobilizam lembranças da infância

A primeira vez que falei com Leonardo, ele me mostrou o vídeo de um coioote, que tinha gravado o dia anterior. Esse produtor de hortaliças, cuja propriedade está no pé do morro “Cerro Pasquí”, relatou que um coioote solitário se aproximou, enquanto ele descansava das tarefas do cultivo. No relato, ele descreveu o sítio exato, a hora e as condições do clima. Estava sentado numa pedra, ao lado de um trilho, e o coioote se aproximou por trás dele e ficou atento a suas reações. Apesar da atitude precavida de ambos, o produtor conseguiu pegar o telefone para gravar o animal, enquanto este ainda estava por perto.

A figura 6 corresponde à fotografia que tirei esse dia. Na imagem, Leonardo aparece com seu primo Ómar, enquanto os dois assistem à gravação do coioote várias vezes.

107



**Figura 6.** Leonardo e Ómar, produtores da comunidade, assistem à gravação de um coioote na tela do telefone.  
Fonte: Arquivo pessoal.

Leonardo me explicou que os avistamentos dos coiotes aumentaram nos últimos anos, porque as montanhas “foram removidas” para dedicar a terra à agricultura, daí que ver os coiotes, enquanto se deslocam entre morros e montanhas nuas –possivelmente para procurar alimento–, agora seja mais comum do que antes. Ele fez uma pausa nesse momento para nos dizer<sup>12</sup>:

Quando éramos crianças, nós tivemos um coiote que morreu. Meu irmão trouxe um pequenino, achou-o num ninho. A mãe morreu, e os demais estavam mortos também. Só um deles ainda estava vivo, então, com um conta-gotas, começamos a alimentá-lo com leite e ficou conosco um tempo. Estava muito lindo, mas uma pessoa ainda desconhecida envenenou-o [...]. As pessoas da zona não consideram que os coiotes sejam daninhos. Aqui nós temos muitas propriedades de gado de leite e nunca ouvimos ninguém dizer que eles tenham matado gado, inclusive bezerros, que são presas muito mais débeis.

Os dois produtores me contaram que eles escutam o uivo dos coiotes à noite, desde que eram “bem pequeninos”. Durante o dia, os coiotes são principalmente silenciosos. Por esse motivo, os encontros entre produtores/criadores de gado e coiotes são maiormente visuais. A memória auditiva, no entanto, associa-se com as paisagens sonoras que provêm da obscuridade da noite, quando os coiotes possivelmente se sentem menos vulneráveis. Para Marvin Aguilar<sup>13</sup>, guarda-parques do Parque Nacional Vulcão Irazú, ainda não se sabe muita coisa sobre a função etológica do uivo dos coiotes, ainda que algumas hipóteses considerem que seu papel na comunicação-coiote é principalmente de índole reprodutiva.

Nesta micro-história, entrelaçam-se elementos que podem constituir formas incipientes de narrar o território (multinatural) através de práticas multissensoriais. No primeiro caso, o vídeo gravado por Leonardo e a fotografia que eu mesmo tirei no momento da reprodução representam meios poderosos para comunicar os (re)encontros (humanos) com outra espécie. Além da experiência física/corporal do momento, Fijn (2019) argumenta que a experiência sensorial continua a ser (re)construída durante muito tempo depois, através da oralidade que acompanha as descrições posteriores do encontro. Por outro lado, os uivos emergem dos relatos dos produtores (e da vivência cotidiana recriada através deles) para possibilitar um outro tipo de registro semântico (Farina, 2021) que tensiona as divisões entre sentidos.

Os lugares de (re)encontro, as zonas de contato onde reverberam, florescem e frutificam as relações entre as pessoas e coiotes que habitam a zona norte de Cartago, não podem ser evocados apenas como espaços físicos dos quais se faz um uso mecânico, ou para cumprimentar certas finalidades de índole econômica ou produtiva, como é o caso das atividades pecuárias. Em vez disso, a experiência de Leonardo e sua família me ajuda a pensar com as texturas afetivas

---

<sup>12</sup> Tradução livre.

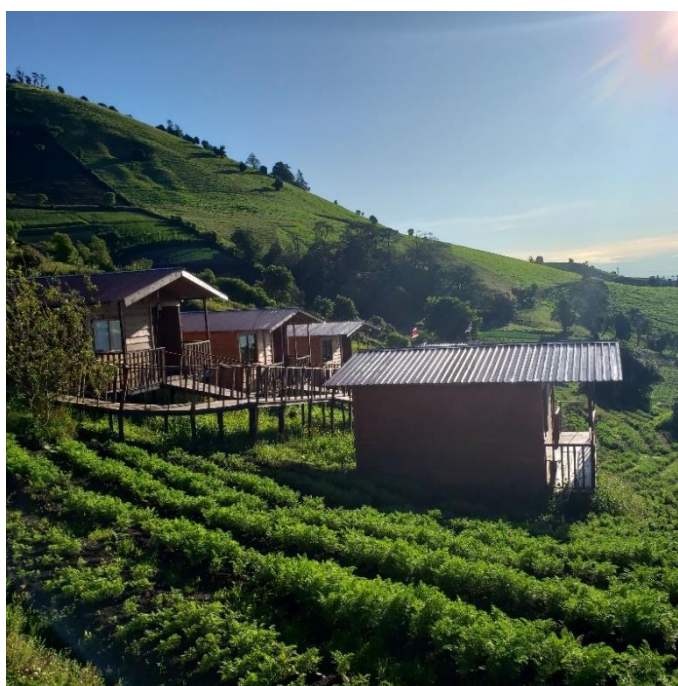
<sup>13</sup> Comunicação pessoal.

que emergem junto à composição – e decomposição – de paisagens, espacialidades e memórias ao longo do tempo. Essas relações são cambiantes, porque a composição também muda. É um cenário em devir. A névoa, enquanto um agente silencioso que molda a memória dos dias de bruma, também torna visível aquilo que inicialmente não é. A névoa é o ponto de convergência de uma outra territorialidade multiespécies, onde a corporalidade dos seres adquire um outro tipo de materialidade, isto é, uma outra forma de ser percebida no mundo, que é ficcional, ontopoética e sujeita a uma diversidade de (re)elaborações através dos sentidos e da mediação da tecnologia.

### **Micro-história 2 – Alianças multiespécies que favorecem o turismo local**

Um dos empreendimentos locais que está implementando ações que valorizam a vida silvestre de San Gerardo de Oreamuno é Una Mirada Al Cielo. Trata-se de um complexo turístico que inclui uma casa grande e quatro cabanas com capacidade para duas pessoas (Figura 7). Quando falei com Gustavo, o proprietário, ficou claro para mim que ele é uma pessoa consciente da necessidade de trazer um sentido de “cuidado compartilhado da natureza” para sua atividade econômica. Na primeira visita, ele me mostrou as instalações, que incluem uma zona dedicada à produção agroecológica de cenouras e outras hortaliças, e fez uma série de relatos sobre avistamentos de bichos-preguiça, guaxinins, tatus e coiotes dentro da propriedade.

109



**Figura 7.** Complexo turístico Una mirada al cielo.  
Fonte: Arquivo pessoal.



Após ter visitado esse empreendimento, Gustavo fez uma série de publicações nas redes sociais do local com informações básicas das espécies de fauna silvestre que os visitantes podem encontrar na área circundante da propriedade (Figura 8).



**Figura 8.** Material publicitário com informações sobre o coiote.  
Fonte: Una Mirada al cielo.

Ainda que essa prática possa considerar-se um tipo de mercantilização das vidas não humanas, ou inclusive uma forma de conversão da fauna silvestre em capital vivo para gerar economias afetivas (Barua, 2020), é importante sublinhar que a motivação de Gustavo não é necessariamente o benefício econômico que ele poderia obter com a visita de mais pessoas interessadas em avistar animais.

As imagens publicadas por Gustavo estão focadas principalmente na geração e na socialização de informação básica sobre as espécies. Assim, para o caso dos coiotes, ele fez algumas pesquisas na Internet e consultou diferentes fontes para brindar dados confiáveis que sejam acessíveis para todo tipo de público. Se olharmos para a imagem fora do contexto da rede social do empreendimento, como é o caso aqui, é fácil evidenciar que os dados de contato ficam nas margens, num plano de menor importância. Quando perguntei a Gustavo, ele indicou que é uma manobra intencional, aduzindo o interesse dele em recuperar “a majestuosidade” de um bicho que faz parte das atividades cotidianas da comunidade tanto como as vacas que pastam nos campos de gado vizinhos.

Uma das questões colocadas na fala de Gustavo é a importância de impulsionar encontros humanos-fauna silvestre em circunstâncias contingentes. Para esse empreendedor turístico, o seu objetivo não é organizar as interações dos visitantes com os animais. Ao invés disso, ele gostaria de provocar nas pessoas sensações de intriga e curiosidade diante da possibilidade de admirar um animal que “quer ser avistado”.

Aqui, o “quer ser avistado” sugere o reconhecimento implícito dos agenciamentos e da subjetividade dos animais. Os coiotes e as outras espécies de fauna silvestre nas proximidades do complexo turístico não são consideradas objetos passivos que se tornam parte do atrativo natural da zona. Pelo contrário, elas passam a ser reconhecidas como potenciais parceiras nas iniciativas locais associadas à promoção do turismo rural. O sentido disso parece indicar o fato de que “os coiotes também moram aqui”. Rosenzweig (2003) tem nomeado isso de “ecologia da reconciliação”, um tipo de conservação nos “entornos da atividade humana” que reconhece os impactos da antropogenização dos ambientes e busca novas possibilidades para gerar políticas da convivencialidade com seres e entidades não humanos, sem cair na armadilha da idealização da natureza (Hinchliffe; Whatmore, 2006).

A névoa se pode considerar como um elemento susceptível de ser apreendido pela percepção e sentidos, que apresenta um grande potencial para os processos de reconciliação entre pessoas e coiotes que habitam na zona norte de Cartago. Ainda que esse ponto precise ser pensado com maior detalhe, ela pode contribuir para estabelecer outro tipo de registro semântico sobre as relações entre pessoas locais, visitantes e fauna silvestre, em paisagens envolventes que tornam possíveis formas diferentes de experimentar *com* o território. A “existência-névoa” pode ser entendida como um elemento pré-textual que permite “iluminar” e gerar aprendizagem sobre as capacidades performativas de coiotes e outros animais, aí onde a pouca ou nula visibilidade turva a possibilidade de um contato visual direto. Ao se considerar como uma entidade vital que está “antes do texto”, a névoa também pode ser pensada como um tipo de escrita “*imag-ética*” da paisagem, na qual se encontram inscritas as primeiras linhas não verbais, ou além-do-relato, que antecedem qualquer forma de (re)conhecimento e interação afetiva entre pessoas e coiotes nesse território.

### **Micro-história 3: Caminhadas multiespécies**

Este artigo começou com o relato das minhas primeiras visitas à comunidade de San Gerardo de Oreamuno. Sozinho, meus primeiros passos estiveram carregados de surpresa e admiração diante das diferentes vitalidades que me deram as boas-vindas, inclusive antes de ter

entrado em contato com moradores humanos. E agora é a vez das pessoas da comunidade de (re)fazer suas próprias caminhadas pelo território que conhecem bem e deixar-se surpreender por seus outros vizinhos.

O Comitê Local do Esporte e das Atividades Recreativas é uma organização da comunidade integrada por jovens entre os 17 e os 27 anos (Figura 9). Quando conversei com eles pela primeira vez, percebi que existia muita expectativa no que diz respeito às muitas visitas que tinha feito à comunidade. Alguns desses jovens tinham escutado que me encontrava na zona para pesquisar *com*<sup>14</sup> os coiotes e ficaram curiosos diante da possibilidade de oferecer sua ajuda.



**Figura 9.** Jovens do Comitê Local do Esporte e das Atividades Recreativas. Fonte: Arquivo pessoal.

Depois de ter mantido o primeiro encontro presencial, José Rodolfo me enviou o novo logo que foi selecionado pelo Comitê para ser utilizado na publicidade das atividades recreativas, e no qual se incluiu a silhueta de dois coiotes que uivam enquanto olham para a lua (Figura 10). Dentro dos projetos que o Comitê está organizando, encontra-se a realização de caminhadas (diurnas e noturnas) para pessoas da comunidade e visitantes externos. O objetivo é aproveitar os

<sup>14</sup> Quis, desde o primeiro momento, que minha presença na comunidade não fosse considerada como um exercício de coleta de histórias *dos* coiotes (caindo no erro de achar que o animal é simplesmente uma entidade natural afastada das dinâmicas socioculturais e econômico-políticas que (re)configuram o território), nem como uma coleta de histórias *sobre* coiotes (o que acabaria reduzindo a perspectiva relacional a uma interpretação antropocêntrica do bicho, entendendo-o simplesmente como pura biologia, uma categoria discreta e coerente regida pela genética).

trilhos que conectam morros<sup>15</sup>, campos de gado, leiterias e espaços das hortaliças não cultivados para impulsionar uma experiência de contato com “a natureza” que permita vivenciar o território de uma forma distinta.



**Figura 10:** O novo logo do Comitê Local do Esporte e das Atividades Recreativas incorpora a silhueta de dois coites que uivam enquanto olham para a lua. Fonte: imagem cortesia do Comitê.

Os jovens estão muito convencidos de que San Gerardo de Oreamuno é uma zona privilegiada pelo atrativo cênico e a paisagem característica da zona norte de Cartago; que inclui a névoa, o clima frio e a presença dos vulcões Irazú e Turrialba. Contudo, eles não tinham considerado que o território é também o habitat de uma quantidade importante de fauna silvestre.

Como resultado das conversas mantidas ao longo dos meses seguintes, tem começado a emergir um interesse inusitado em converter as caminhadas em atividades que contribuam para a conscientização ambiental das pessoas, e que, ao mesmo tempo, gerem conhecimento sobre as espécies silvestres (flora e fauna) que aí moram. A ideia de transformar uma atividade que tinha sido pensada originalmente para ser de interesse recreativo (e orientada a pessoas que gostam de fazer esporte em áreas abertas), em atividade educativa (e voltada para o possível (re)encontro com outras espécies) traz elementos de reflexão importantes para o contexto mais amplo da pesquisa etnográfica multiespécies.

<sup>15</sup> O Cerro Pasquí, em particular, está sendo projetado como um sítio de interesse turístico na comunidade, e inclusive é utilizado como imagem dos empreendimentos da zona. Os “sorvetes Pasquí”, por exemplo, são uma marca de sorvetes tradicionais elaborados por uma família da comunidade.

Ainda que essas atividades se encontrem na etapa de planejamento e seja necessário dispor de uma série de autorizações legais e sanitárias do município e de outras organizações governamentais para garantir sua realização, os espaços de troca e reflexão que esse interesse tem propiciado significaram uma redescoberta de relações sociais, (inter)geracionais e interespecíficas que tinham sido “postas de lado”. Por exemplo, Axel, um dos jovens, sugeriu a ideia de estabelecer um “conselho dos maiores” para que as pessoas idosas da comunidade possam interagir com os possíveis caminhantes após a atividade e compartilhem suas histórias orais *com* os coiotes e outras espécies no salão paroquial da comunidade. José Rodolfo, outro dos jovens, sugeriu por sua parte a possibilidade de incluir as crianças que assistem à pequena escola de San Gerardo de Oreamuno. José Rodolfo acha que as crianças podem contar suas próprias histórias *com* os coiotes através de desenhos, que logo poderiam ser utilizados para organizar uma exposição ou festival artístico.

Embora essas propostas estejam motivadas pela minha participação enquanto interlocutor ativo da pesquisa etnográfica, o mais significativo é que os jovens são capazes de identificar formas inovadoras para trazer o que Hinchliffe (2007) chama de “diferentes intensidades socioecológicas do território” à reflexão sobre o engajamento comunitário em ações que valorizam a coexistência mais-do-que-humana.

Segundo Van Dooren e Bird Rose (2012), esse tipo de iniciativas cria possibilidades para avançar na construção de uma “ética dos lugares compartilhados”, reconhecendo de forma explícita que um dos maiores desafios contemporâneos – de face à degradação ambiental antropogênica – é garantir o engajamento efetivo dos humanos para com formas de habitar um lugar que levam em consideração a presença e necessidades de outras vitalidades não humanas. Se forem concretizadas, essas iniciativas podem tornar-se formas criativas de narrar o “território multinatural”, incorporando no relato as narrativas particulares dos coiotes e das outras espécies que tradicionalmente têm sido categorizadas como pouco carismáticas. De fato, na forma em que essas iniciativas estão sendo abordadas, percebe-se um esforço importante para não caricaturizar o animal, o que favoreceria um diálogo interespecie que mobiliza outro tipo de registro sensível e cognitivo, distinto do que é utilizado comumente nas estratégias convencionais de conservação da biodiversidade.

Por outro lado, a micro-história das caminhadas multiespécies me permite incorporar um outro elemento que ainda não comentei. A névoa é, ela mesma, uma entidade afetiva. Se pensarmos, por exemplo, no tipo de atividades propostas pelos jovens do Comitê, existe um risco de que a névoa adquira um valor afetivo negativo, toda vez que sua presença pode entorpecer o desenvolvimento das atividades ao ar livre. Para *sintonizar-com* a névoa, animais não humanos,

como os coiotes, são excelentes parceiros. Em Costa Rica, um país conhecido internacionalmente como destino turístico de “sol y playa” (sol e praias), querer que as pessoas locais sejam as primeiras a mudar a concepção do que pode ser apreciado (e não só valorado nos termos econômicos), como um sítio com potencial turístico o de visitação. Nesse sentido, o emaranhado névoa-humanos-coiotes faz parte de uma composição territorial e, principalmente, sociomaterial, que nos aproxima de outros tipos de vivência – e (co)vivencialidade – situada, em espaços marcados pela multiplicidade de existências (humanas e não humanas).

Pensar como esses tipos de relações, no cotidiano local, criam oportunidades para que formas não convencionais de turismo – ainda que pouco exploradas na zona norte de Cartago – sejam capazes de emergir, é acreditar no aspecto revitalizador e revitalizante das alianças multiespécies que estão surgindo no território.

### Considerações finais

Meu objetivo neste trabalho foi oferecer uma perspectiva sensorial para refletir criticamente a respeito das formas de engajamento dos humanos, coiotes e outras entidades para-além-do-humano na comunidade rural de San Gerardo de Oreamuno, localizada na província de Cartago, na Costa Rica. Utilizei o desenho do pintor francês, Odilon Redon, intitulado *Eyes in the forest* (“Olhos na floresta”) (1892) e a noção do “corpo sem órgãos”, conceitualizada por Deleuze e Guattari (1987), enquanto duas metáforas do incorpóreo que permitem tensionar a aparente dicotomia entre natureza e cultura.

Pode-se considerar o desenho de Redon como uma fabulação pictórica que me permitiu indagar a composição difusa e tênue das naturezas emaranhadas, das quais também os humanos somos parte. Em contraponto ao olhar meramente antropocêntrico, a expressão inquisitiva dos dois olhos que miram desde a floresta não é um simples elemento figurativo ou a representação antropomórfica de uma natureza “não humana”, que busca chamar nossa atenção. No entanto, no olhar, também somos vistos. É nesse sentido que a imagem pode continuar sendo utilizada para contar novos relatos sobre a vitalidade emergente do mundo.

A obra artística de Redon é, ela mesma, um enquadramento teórico poderoso e instigante para mobilizar elementos outros-que-não humanos na construção de narrativas e contranarrativas, que tornam possível a compreensão abrangente sobre o devir dos territórios de (co)existência. Os olhos *na* floresta são e não são os olhos *da* floresta, eles estão aí para lembrar o caráter relacional das coisas, entidades e seres que (re)configuram a vitalidade dos territórios em formas imprevisíveis que, não obstante, requerem ser vistas e tematizadas. O significado

etimológico da palavra “imprevisível” faz referência àquilo que não pode ser visto com anterioridade. Ainda assim, precisamos *ver*, antes do que prever, as formas ingeniosas e criativas em que esses relacionamentos se articulam e fazem emergir outros mundos possíveis.

Metodologicamente, a inclusão do desenho me permitiu criar um ponto de abertura para *pensar-com* as capacidades performativas da vitalidade em devir. Através de Redon, foi possível conceituar a névoa como uma zona de encontro de elementos abióticos e bióticos, transformando o fenômeno meteorológico em paisagem textual-imagética para me aproximar das interações humanos-coiotes no cotidiano local da comunidade.

A partir das abordagens da etnografia multiespécies e da geografia-mais-do-que-humana, levantei elementos para discutir as formas em que a névoa, um elemento característico da paisagem da localidade durante a maior parte do ano, contribui para (re)configurar um “território multinatural” que afeta as relações entre diferentes vitalidades. Embora a presença dos coiotes em San Gerardo de Oreamuno seja vista por algumas pessoas da comunidade com normalidade e até indiferença, minha própria experiência de trabalho empírico me forneceu elementos úteis para identificar um conjunto de fatos espontâneos que trazem novos significados à relação humanos-coiotes.

Levando em consideração as questões orientadoras identificadas na parte introdutória do artigo, a apresentação posterior dos relatos e micro-histórias sugere que a mobilização de atmosferas afetivas nas relações entre humanos, coiotes e a névoa não se limita apenas aos recursos visuais. Ao invés disso, os uivos –noturnos– geram memórias sonoras que enriquecem a experiência sensorial (e espaço-temporal) da (co)existência. Esse tema poderia ser abordado e certamente será em trabalhos futuros.

Finalmente, é importante continuar problematizando o fato de que as “ecologias da proximidade” emergem como resultado das relações e vínculos entre diferentes entramados de vitalidades e as texturas das paisagens. Entender o caráter situado, contingente e impreciso dessas ecologias representa um recurso analítico de grande importância para a formulação de políticas de proteção da biodiversidade e de desenvolvimento agroecoturístico receptivas à mudança e à imprevisibilidade.

## Referências

ALMEIDA, Mauro WB (2021), “Anarquismo Ontológico e Verdade no Antropoceno”. *Ilha*, v. 23, n. 1, pp. 10-29 [Consult. 23-06-2022]. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/78405>

ANDERSON, Ben (2009), “Affective atmospheres”. *Emotion, space and society*, v. 2, n. 2, pp. 77-81

- BARUA, Maan (2020), “Affective economies, pandas, and the atmospheric politics of lively capital”. *Transactions of the Institute of British Geographers*, v. 45, n. 3, pp. 678-692 [Consult. 21-06-2022]. Disponível em <https://rgs-ibg.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/tran.12361>
- BENNETT, Jane (2010), *Vibrant Matter: A Political Ecology of Things*. Durham, N.C., Duke University Press.
- BOONMAN-BERSON, Susan; DRIESSEN, Clemens; TURNHOUT, Esther (2018), “Managing wild minds: From control by numbers to a multinatural approach in wild boar management in the Veluwe, the Netherlands”. *Transactions of the Institute of British Geographers*, v. 44, n. 1, pp. 2-15 [Consult. 19-06-2022]. Disponível em <https://rgs-ibg.onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1111/tran.12269>
- BRAUN, Bruce (2008), “Environmental issues: inventive life”. *Progress in Human Geography*, v. 32, n. 5, pp. 667-679 [Consult. 14-06-2022]. Disponível: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.455.4704&rep=rep1&type=pdf>
- BULLER, Henry (2008), “Safe from the wolf: biosecurity, biodiversity, and competing philosophies of nature”. *Environment and Planning A*, v. 40, n. 7, pp. 1583-1597 [Consult. 23-06-2022]. Disponível em <https://journals.sagepub.com/doi/10.1068/a4055>
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix (1987), *A Thousand Plateaus: Capitalism and Schizophrenia*. Minneapolis, MN, University of Minnesota Press.
- ELLIOTT, Denielle; CULHANE Dara, (2016), *A Different Kind of Ethnography: Imaginative Practices and Creative Methodologies*. Toronto, University of Toronto Press.
- ELLIS, Rebecca (2021), Sensuous and spatial multispecies ethnography as a vehicle to the re-enchancement of everyday life: A case study of knowing bees. in: A. Hovorka, Alice et al. (eds.), *A Research Agenda for Animal Geographies*. Massachusetts, Edward Elgar Publishing, pp. 87-100.
- FARINA, Almo (2021), *Semiotic landscape ecology: A novel approach to reconcile environment and humanities*. Cambridge, Cambridge University Press.
- FARINA, Almo; ELDRIDGE, Alice; LI, Peng (2021), “Ecoacoustics and multispecies semiosis: Naming, semantics, semiotic characteristics, and competencies”. *Biosemiotics*, v. 14, n. 1, pp. 141-165 [Consult. 11-06-2022]. Disponível em <https://link.springer.com/article/10.1007/s12304-021-09402-6>
- FIJN, Natasha (2021), “Donald Thomson: Observations of Animal Connections in Visual Ethnography in Northern Australia”. *Ethnos*, v. 86, n. 1, pp. 44-68 [Consult. 17-06-2022]. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00141844.2019.1606024?journalCode=retn20>
- FULLAGAR, Simone (2000), “Desiring nature: Identity and becoming in narratives of travel”. *Journal for Cultural Research*, v. 4, n. 1, pp. 58-76 [Consult. 22-06-2022]. Disponível em [https://www.researchgate.net/publication/261647886\\_Desiring\\_nature\\_Identity\\_and\\_becoming\\_in\\_narratives\\_of\\_travel](https://www.researchgate.net/publication/261647886_Desiring_nature_Identity_and_becoming_in_narratives_of_travel)
- HAUPTMAN, Jodi (2005), *Beyond the visible: the art of Odilon Redon*. New York, The Museum of Modern Art.
- HEAD, Lesley (2016), *Hope and grief in the Anthropocene: Re-conceptualising human–nature relations*. New York, Routledge Press.
- HINCHLIFFE, Steven (2007), *Geographies of Nature: Societies, Environments, Ecologies*. London: SAGE.



- HINCHLIFFE, Steven; WHATMORE, Sarah (2006), "Living Cities: Towards a Politics of Conviviality". *Science as Culture*, v. 15, n. 2, pp. 123-38 [Consult. 09-06-2022]. Disponível em <https://www.taylorfrancis.com/chapters/edit/10.4324/9781315256351-24/living-cities-towards-politics-conviviality-steve-hinchliffe-sarah-whatmore>
- HODGETTS, Timothy; LORIMER, Jamie (2020), "Animals' mobilities". *Progress in Human Geography*, v. 44, n. 1, pp. 4-26 [Consult. 24-06-2022]. Disponível em <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0309132518817829>
- HOWES, David (2019), "Multisensory anthropology". *Annual Review of Anthropology*, v. 48, pp. 17-28 [Consult. 21-06-2022]. Disponível em <https://www.annualreviews.org/doi/10.1146/annurev-anthro-102218-011324>
- INGOLD, Tim (2013), "Prospect". in: T. INGOLD, Tim; and G. Palsson (eds.) *Biosocial Becomings: Integrating Social and Biological Anthropology*. Cambridge, Cambridge University Press, pp. 1-21.
- KIRKSEY, S. Eben; HELMREICH, Stefan (2010), "The emergence of multispecies ethnography". *Cultural anthropology*, v. 25, n. 4, pp. 545-576 [Consult. 05-06-2022]. Disponível em [https://anthropology.mit.edu/sites/default/files/documents/helmreich\\_multispecies\\_ethnography.pdf](https://anthropology.mit.edu/sites/default/files/documents/helmreich_multispecies_ethnography.pdf)
- LATOURE, Bruno (2004), "How to talk about the body? The normative dimension of science studies". *Body & Society*, v. 10, pp. 205-229 [Consult. 07-06-2022]. Disponível em <http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/77-BODY-NORMATIVE-BS-GB.pdf>
- LORIMER, Jamie (2010), "Moving image methodologies for more than-human geographies". *Cultural Geographies*, v. 17, n. 2, pp. 237-258 [Consult. 19-06-2022]. Disponível em <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1474474010363853>
- LORIMER, Jamie (2015), *Wildlife in the Anthropocene: conservation after nature*. USA, U of Minnesota Press.
- NIEHAUS, Carmen et al, (2011), "Presencia de protozoarios y microorganismos relacionados con procesos de inmunosupresión humana en coyotes (*Canis Latrans: Canidae*) del Parque Nacional Volcán Irazú y campo agrícola limítrofe en Costa Rica". *Revista Ibero-latinoamericana de Parasitología*, v. 70, n. 2, pp. 197-205.
- PERLOFF, Nancy Lynn (1995), "*Gauguin's French baggage: decadence and colonialism in Tahiti*". in: E. BARKAN and R. BUSH, Ronald (eds.) *Prehistories of the future: the primitivist project and the culture of modernism*. California, Stanford University Press, pp. 226-269.
- PINK, Sarah (2009), *Doing Sensory Ethnography*. London, Sage.
- ROSENZWEIG, Michael (2003), *Win-Win Ecology: How the Earth's Species Can Survive in the Midst of Human Enterprise*. Oxford, Oxford University Press.
- VAN DOOREN, Thom; BIRD ROSE, Deborah (2012), "Storied-places in a multispecies city." *Humanimalia* v. 3, n. 2, pp. 1-27. [Consult. 11-06-2022]. Disponível em <https://humanimalia.org/article/view/10046>
- WHATMORE, Sarah (2002), *Hybrid geographies: Natures cultures spaces*. California, Sage.
- WILSON, Helen F, (2019) "Animal Encounters: a genre of contact". in A. BÖHM and J. ULLRICH (eds.) *Animal Encounters, Cultural Animal Studies 4*. Germany, Stuttgart J.B. Metzler, pp. 25-41.

---

### Abstract

---

This paper critically reflects on human-coyote interactions emerging from more-than-human entanglements in San Gerardo de Oreamuno, localized in Cartago province (Costa Rica). Through a sensory perspective, I examine the role of fog in (re)configuring an “multinatural territory” that affects relations between many vitalities. I also provide some theoretical insights from multispecies ethnography and more-than-human geography to problematize human-nature dichotomy and begin to understand the affective atmospheres involved in both physical experiences and oral accounts of local people. Finally, I suggest that my own interests provide me of interesting lens to frame the meanings attributed to fog and its influence on the emergence of “proximity ecologies” that determine human-coyote relations in that community.

Keywords: Anthropocene; *Canis latrans*; Affective ecologies; Human-animal interaction.

---

### Resumen

---

Este trabajo ofrece una perspectiva relacional para reflexionar críticamente sobre las formas de participación de humanos, coyotes y otras entidades más-allá-de-lo-humano en la comunidad rural de San Gerardo de Oreamuno, localizada en la provincia de Cartago (Costa Rica). La niebla es un elemento característico del paisaje durante la mayor parte del año, y contribuye a (re)configurar un “territorio multinatural” que afecta las relaciones entre diferentes vitalidades. Utilizo las perspectivas de la etnografía multiespecies y de la geografía más-que-humana para tensionar imaginarios socioculturales sobre la dicotomía entre naturaleza y cultura, y, de esa forma, generar conocimiento sobre las atmósferas afectivas y sensoriales involucradas en las vivencias y relatos de las personas de la comunidad. Por último, argumento que mi propia experiencia de trabajo empírico me proporciona elementos útiles para profundizar en la comprensión de los significados a la niebla y su influencia en el surgimiento de las “ecologías de la proximidad” que determinan las relaciones humanos-coyotes en esa comunidad.

Palabras clave: Antropoceno; *Canis latrans*; Ecologías afectivas; Interacción humano-animal.

---